
RESENHA DE O PENSAMENTO VEGETAL: A LITERATURA E AS PLANTAS (CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2021), DE EVANDO NASCIMENTO

REVIEW OF O PENSAMENTO VEGETAL: A LITERATURA E AS PLANTAS (CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2021), BY EVANDO NASCIMENTO



Dossiê

Imaginários Botânicos

Organizadoras:

Dra. Fabrícia Wallace Rodrigues



Dra. Isabel Kranz



Dra. Maria Esther Maciel



v. 31, n. 60, dez., 2022

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em:

Aprovado em:

Distribuído sob



Gabriela Pereira Alves

apgabi2307@gmail.com
UnB

Mestranda em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLit – UnB), vinculada ao eixo temático Imaginários Botânicos. Licenciada em Letras Português e Respectiva Literatura pela UnB, com trabalho de conclusão de curso focado no estudo do reino vegetal na poesia de Cora Coralina.

“O pensamento vegetal: a literatura e as plantas” é um livro de caráter ensaístico composto pela introdução e mais dez capítulos, ao longo dos quais Evando Nascimento demonstra a importância de ultrapassar a visão antropocêntrica do mundo em que habitamos e perceber nele a integração dos **viventes**, em especial as plantas, bem como suas zonas de contato com a literatura.

Na introdução, “A literatura e as plantas”, Nascimento faz questionamentos fundamentais. Planta pensa? Se sim, como pensa? De forma igual ou diferente à dos humanos? O autor procura responder a essas perguntas pela perspectiva da “virada vegetal” e do impulso disseminador das plantas. Para além do humanismo, Nascimento propõe a necessidade do humano de interagir com os demais viventes em um diálogo entre o científico e o não científico. Ao comentar o título, ele reforça que essa proposta não visa a uma supremacia das plantas, mas sim depreender suas particularidades. Devido a indefinições conceituais, Nascimento fala não de filosofia ou teoria vegetal, mas sim de **pensamento**, sendo este também um conceito que requer uma visão além do cartesianismo tradicional. Assim, em um

compilado de vozes e escritas que retratam o vegetal na filosofia, na literatura, nas artes, Nascimento desenvolve essa literatura pensante voltada para a **fitoliteratura** e a **fitoescrita** (termos pensados por ele), representadas por um ensaio cuja proposta descentrada, tal qual as próprias plantas, permite que ele seja lido em qualquer ordem que aprover ao leitor.

Por sua produção ser atrelada às vivências pessoais, ele inicia “Capítulo 1: a questão vegetal” falando da infância. Depois, relata sua trajetória com os estudos vegetais e destaca que, para preservar o reino vegetal e, conseqüentemente, a vida como um todo, deve-se combinar o progresso científico com a agricultura e o extrativismo sustentável. Aqui, Nascimento faz um resgate interessantíssimo da etimologia da palavra “vegetar” e de seu verdadeiro significado: “animar, vivificar” (p. 46), dentre outros com sentido semelhante. Reflete, também, a respeito da *psyché* das plantas pela visão aristotélica, considerada problemática por cristianizar o termo ao traduzi-lo para “alma”. Além de Aristóteles, as visões metafísica e ontológica de Heidegger e de Emanuele Coccia também são criticadas pelo autor, pois considera que elas distanciam os humanos dos viventes não humanos.

No capítulo 2, intitulado “Vidas precárias”, é discutida a inteligência das plantas — se a possuem, como se manifesta —, aspecto indispensável para o estudo do pensamento vegetal e para diminuir o abismo entre os humanos e os demais viventes. Essa inteligência é associada à comunicação das plantas entre si e com as outras espécies, à sua estrutura descentralizada e à memória, ligada à reação sensorial. Assim, Nascimento expõe como a literatura se conecta com a inteligência das plantas, como a literatura permite compreender o sentido da existência vegetal para além das visões românticas e simbolistas. Para tanto, é preciso rever o valor da vida, humana ou não, e trabalhar pelos direitos dos humanos e de todos viventes, sem que seja preciso comparar a vida das plantas com a dos humanos para que seja dignificada.

É no capítulo 3, “Alberto Caeiro/Fernando Pessoa: a irmandade das plantas”, que Nascimento aprofunda os aspectos literários neste ensaio. Ao analisar “O guardador de rebanhos”, o autor demonstra o potencial da linguagem poética como um instrumento de recondução sensorial ao que existe no mundo, no qual as plantas estão inclusas. Assim, ao caracterizar a poesia de Caeiro como “non-sense” e “plena de humor sensorial”, Nascimento vai do desdizer poético à antipoética vegetal. Com essa antipoética, desenrola-se a percepção da “irmandade botânica” dentro da poesia: textos que, pertencentes a autores diferentes e a épocas diferentes, irmanam-se a partir da temática vegetal, como Caeiro e Clarice Lispector, abordada em outro capítulo.

Continuando seu amplo ensaio, Nascimento estuda no “Capítulo 4: Outras visões do mundo clorofílico”, o fitomimetismo, isto é, a capacidade das plantas de imitarem outras (e até mesmo outros viventes, como insetos), que confere mais segurança e longevidade às plantas. Na seção “Rizomas, raízes, arborescências e outras ramificações”, Nascimento discorre a respeito do quanto as plantas são democráticas, visto que cada parte de seus corpos representa a si mesma e às demais partes: se cortarmos um galho de uma árvore, ela não morrerá; ao contrário, do ponto cortado, podem brotar mais galhos. Assim deve ser a produção do pensamento vegetal, **acêntrica**, tal qual os rizomas; um pensamento sem fundamento único nem centro pré-estabelecido, de onde brotam constantemente novas ideias e desdobramentos.

É neste sentido, como um novo rizoma, que surge o capítulo seguinte, “Frans Krajcberg e o arquivo natural”, em que somos apresentados a um artista visual que trabalha com arquivos vivos e arquivos mortos, ou seja, com as duas faces da matéria vegetal. Através de suas fotografias, Krajcberg constrói um espaço em que a memória das espécies dos viventes é preservada, seja a face da vida, seja a face da morte. Com sua arte, Krajcberg integra o ativismo artístico em prol da preservação dos vegetais.

A partir do caráter disseminador das plantas, o sexto capítulo, “Derrida e as plantas: disseminações”, mostra o quão estudioso Nascimento é da obra de Jacques Derrida. Embora o filósofo franco-magrebino não tenha se debruçado especificamente sobre as plantas, alguns aspectos de sua obra podem ser incorporados ao pensamento vegetal. Nascimento substitui a palavra “desconstrução”, muito presente na obra de Derrida, por “disseminação”, mais ligada aos viventes vegetais. O pensamento vegetal é, portanto, disseminador na medida em que nos possibilita outras formas de enxergar o próprio saber, combatendo a precarização da vida e os distanciamentos gerados pela ontologia e pela metafísica entre as espécies. Subtraindo, assim, os preconceitos derivados da tradição filosófica, abrem-se as portas para esse pensamento que é **semente**, que germina a partir do momento em que o pensamento disseminador valoriza potência vital dos viventes, visando a coabitação entre espécies humanas e não humanas.

A seguir, Nascimento retoma a literatura com “Capítulo 7: Clarice e as plantas: a poética das sensitivas”, analisando alguns contos de Clarice Lispector e as existências humana, animal e vegetal. O fundamental é atentar-se a três palavras relacionadas à experiência de alteridade do humano com o animal e o vegetal: intertocar, transmutar e encarnar. Cada uma dessas três ações está diretamente relacionada à coabitação mencionada anteriormente, ações que proporcionam o encontro entre universos distintos e que conduzem o humano à capacidade de amar os outros viventes em suas particularidades.

A seguir, Nascimento traz um caráter mais atual no capítulo 8, “O “holocausto vegetal” e o suicídio coletivo da humanidade”, escrito durante o período pandêmico e à época das queimadas que assolaram a Amazônia e o Pantanal, de forma que o ensaio se transforma, também, em testemunho. Com críticas contundentes ao governo vigente no Brasil naquele período, Nascimento fala em **fitocídio**, o genocídio das plantas, sacrificadas impiedosamente. Assim, fazendo-se necessário

rever a postura do humano diante do vegetal, essencial para a vida no planeta.

No capítulo 9, “Hegel, as descolonizações e o pensamento indígena (Ailton Krenak, Davi Kopenawa)”, o autor tece críticas à dialética hegeliana por utilizar as plantas como metáfora filosófica, mas não reconhecer o valor filosófico contido nas plantas em si. Por isso, é tão importante descolonizar o pensamento, ou seja, buscar referências além da tradição clássica — embora, durante o livro, Nascimento enfatize o valor da produção europeia e a recusa por rivalizá-lo com as produções decoloniais. Ao buscar referências em Krenak e Kopenawa, Nascimento se coloca contra o utilitarismo da vida e contra a visão dos saberes indígenas e decoloniais como “exóticos”, um risco que em nada contribuiria para o crescimento da corrente do pensamento vegetal.

Nascimento chega ao fim do ensaio com o capítulo 10, “Por outro humanismo: poéticas vegetais”, em que ressalta o valor da sensorialidade vegetal. Para mostrar essa sensorialidade, analisa mais alguns poemas, dessa vez contemporâneos, que trabalham a temática vegetal e intensificam nosso contato com o caráter literário do ensaio, aproximando as plantas e a literatura: as duas são naturalmente doadoras e disseminadoras, jamais centralizadas, sempre se desenvolvendo e crescendo em suas múltiplas formas. Este outro humanismo é, portanto, a zona de contato além do humano; é o humano coabitando, coexistindo com os animais, os vegetais e as coisas. Dessa forma, o pensamento vegetal se mostra além do *lógos* e das palavras, é um pensamento-sensação, é vegetal.

Um ensaio como este é disseminador na medida em que abre as portas para estudiosos e pesquisadores brasileiros vislumbrarem novas possibilidades nos estudos literários, filosóficos e artísticos. É indispensável para aqueles que pretendem abordar o reino vegetal na literatura além da visão romântica e simbolista, procurando a coabitação entre o humano e o vegetal. Além disso, “O pensamento vegetal” é, também, uma obra precursora dessa temática no Brasil, amparada por grandes nomes da área

Resenha de “O pensamento vegetal: a literatura e as plantas” (Civilização Brasileira, 2021), de Evando Nascimento

na Europa e por colaboradores brasileiros para além do ambiente acadêmico. É uma obra inacabada no sentido de oferecer as sementes a nós, leitores, para que possamos plantar e cultivar nossos próprios rizomas desse pensamento.

Referências

NASCIMENTO, E. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NASCIMENTO, E. *Vida*. Disponível em <https://evandonascimento.net.br/vida/>. Acesso em: 26 de abril de 2023, às 15h33.

COMO CITAR

ALVES, G. P. Resenha de “O pensamento vegetal: a literatura e as plantas” (Civilização Brasileira, 2021), de Evando Nascimento. *Revista Cerrados*, 31(60), p. 128–131. 2022.